

# **O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR: UM RETRATO DA DESIGUALDADE DE GÊNERO NO BRASIL**

Maria Fernanda Soares Fonseca  
Universidade Estadual de Montes Claros  
Maria da Luz Alves Ferreira  
Universidade Estadual de Montes Claros  
Diogo Pa70M5os Sants



mulher, que se tem notícia, a ingressar na universidade no Brasil, foi no ano de 1887, na Faculdade de Medicina no estado da Bahia. Observa-se, de plano, que a mulher brasileira necessitou de autorização do imperador para ingressar no ensino superior, aos homens, por sua vez, esse direito era garantido independente de autorização.

Através das técnicas de pesquisa bibliográfica e documental sobre o tema abordado,



discriminações e constantes desafios.

No Brasil o fato é que não havia uma real preocupação com a educação que era dada as mulheres, o objetivo era que a mulher fosse uma boa dona de casa e conseguisse um bom casamento. Para elucidação do tema e para melhor compreensão das desigualdades, em função do gênero e as construções de feminino e masculino, explica Cláudia Maia,

O primeiro uso de gênero é para opor ao sexo, ou seja, descrever o que é socialmente construído em oposição ao que é biologicamente dado. Nesse sentido “gênero e “sexo” são entendidos como algo distinto, o primeiro compreendendo o comportamento – não o corpo -, e o segundo a natureza, como se o corpo também não fosse construído socialmente. O segundo uso de gênero diz respeito



cursos denominados “femininos” tais como Enfermagem, Pedagogia e Serviço Social as mulheres apresentaram ser a maioria, enquanto que nos cursos “masculinos” tais como Engenharias e Ciência da Computação os homens perfaziam a maioria de matrículas.

Neste sentido, de acordo com Borges (2010) o crescimento da participação feminina na universidade não aconteceu de forma homogênea e sinalizou uma tendência à chamada “guetização” das mulheres em certas carreiras consideradas tipicamente femininas. Segundo a mesma autora, o termo “carreiras masculinas” esteve, ao longo da história, ligado ao espaço público e aos cargos de chefia, enquanto as carreiras femininas foram associadas às profissões ligadas ao espaço privado e aos cargos secundários como secretária e balconista. Em outros termos, atualmente as mulheres são maioria no ensino superior e permanecem sendo maioria nas mesmas carreiras em que iniciaram a









